

Prêmio internacional HOW Design Annual — 2010
para as capas da coleção. *HOW Magazine* é
renomada revista americana de design gráfico

Prêmio internacional AIGA 50 Books/50Covers — 2008
para o projeto gráfico da coleção pelo
American Institute of Graphic Arts (AIGA)

1ª edição

Conforme a nova ortografia

O NAVIO NEGREIRO

E OUTROS POEMAS

CASTRO ALVES



CLASSICOS
SARAIVA



Editora
Saraiva

Gerente editorial
Rogério Gastaldo

Coordenação editorial e de produção
Edições Jogo de Amarelinha

Assistente editorial
Valéria Franco Jacintho

Projeto gráfico, capa e edição de arte
Rex Design

Ilustração da capa
Carvall

Diagramação
Rex Design

Revisão
Pedro Cunha Jr e Lilian Semenichin (coords.)/ Clara Lima

Elaboração *Diários de um Clássico, Contextualização Histórica, Suplemento de Atividades, Entrevista Imaginária e Projeto Leitura e Didatização*
Claudio Blanc

Impressão e acabamento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alves, Castro, 1847-1871.

O navio negreiro e outros poemas / Castro Alves – São Paulo: Saraiva, 2007 – (Clássicos Saraiva)

ISBN 978-85-02-06717-2

1. Poesia brasileira I. Título. II. Série.

07-7130

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira 869.91

© Editora Saraiva, 2007
SARAIVA Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061
www.editorasaraiva.com.br
atendimento@aticascipione.com.br
Todos os direitos reservados.

7ª tiragem – 2017

Visite o *site* dos Clássicos Saraiva:
www.editorasaraiva.com.br/classicossaraiva

CL: 810148
CAE: 603340

Caro leitor,

Durante todo o ensino fundamental, o estudante terá percorrido oito ou nove anos de leitura de textos variados. Ao chegar ao ensino médio, ele passa a ter contato com o estudo sistematizado de literatura brasileira. Nesse sentido, aprende a situar autores e obras na linha do tempo, a identificar a estética literária a que pertencem etc. Mas não passa, necessariamente, a ler mais.

É tempo de repensar esse caminho. É hora de propor novos rumos à leitura e à forma como se lê. Os **CLÁSSICOS SARAI-VA** pretendem oferecer ao estudante e ao professor uma gama de opções de leitura que proporcione um modo de organizar o trabalho de formação de leitores competentes, de consolidação de hábitos de leitura, e também de preparação para o vestibular e para a vida adulta. Apresentando obras clássicas da literatura brasileira, portuguesa e universal, oferecemos a possibilidade de estabelecer um diálogo entre autores, entre obras, entre estilos, entre tempos diferentes.

Afinal, por que não promover diálogos internos na literatura e também com outras artes e linguagens? Veja o que nos diz o professor William Cereja: “A literatura é um fenômeno artístico e cultural vivo, dinâmico, complexo, que não caminha de forma linear e isolada. Os diálogos que ocorrem em seu interior transcendem fronteiras geográficas e linguísticas. Ora, se o percurso da própria literatura está cheio de rupturas, retomadas e saltos, por que o professor, prendendo-se à rigidez da cronologia histórica, deveria engessá-la?”.

Esperamos oferecer ao jovem leitor e ao público em geral um panorama de obras de leitura fundamental para a formação de um cidadão consciente e bem-preparado para o mundo do século XXI. Para tanto, além da seleção de textos de grande valor da literatura brasileira, portuguesa e universal, os **CLÁSSICOS SARAI-VA** apresentam, ao final de cada livro, os **DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO** – um panorama do autor, de sua obra, de sua linguagem e estilo, do mundo em que viveu e muito mais. Além disso, oferecemos um painel de textos para a **CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA** – contextos históricos, sociais e culturais relacionados ao período literário em que a obra floresceu. Por fim, oferecemos uma **ENTREVISTA IMAGINÁRIA** com o Autor – conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida.

Desejamos que você, caríssimo leitor, desfrute do prazer da leitura!

SOBRE ESTA EDIÇÃO

O navio negreiro e outros poemas traz a transcrição de Os escravos, obra de Castro Alves lançada postumamente, em 1883. Por esse motivo, sua organização esteve submetida a diferentes critérios. Esta edição baseou-se nos manuscritos originais do poeta, tendo sido organizada conforme edições que buscaram a melhor formatação para a obra.

O início desta obra, a parte que vai do poema “O navio negreiro” até o poema “Adeus, meu canto”, é chamada, em muitas edições, de “Manuscritos de Stênio”. São 31 poemas. Optamos por iniciá-la com “O navio negreiro” por ser o poema mais representativo de Castro Alves nos dias de hoje.

Em seguida, temos “A cachoeira de Paulo Afonso”, fragmento de Os escravos, composto também de 31 poemas.

Os editores

SUMÁRIO

O NAVIO NEGREIRO E OUTROS POEMAS

- O NAVIO NEGREIRO 10
O SÉCULO 17
AO ROMPER D'ALVA 21
A VISÃO DOS MORTOS 24
A CANÇÃO DO AFRICANO 26
MATER DOLOROSA 28
CONFIDÊNCIA 30
O SOL E O POVO 34
TRAGÉDIA NO LAR 35
O SIBARITA ROMANO 42
A CRIANÇA 44
A CRUZ DA ESTRADA 46
BANDIDO NEGRO 48
AMÉRICA 51
REMORSO 53
CANTO DO BUG-JARGAL 55
A ÓRFÃ NA SEPULTURA 57
ANTÍTESE 61
CANÇÃO DO VIOLEIRO 63
SÚPLICA 65
O VIDENTE 67
A MÃE DO CATIVO 71
MANUELA 74
FÁBULA 78
ESTROFES DO SOLITÁRIO 81
LÚCIA 83
PROMETEU 86
VOZES D'ÁFRICA 88
SAUDAÇÃO A PALMARES 92
O DERRADEIRO AMOR DE BYRON 94
ADEUS, MEU CANTO 96
- A CACHOEIRA DE PAULO AFONSO 102
A TARDE 103
MARIA 105
O BAILE NA FLOR 106

NA MARGEM 107
A QUEIMADA 109
LUCAS 111
A SENZALA 113
DIÁLOGO DOS ECOS 115
O NADADOR 118
NO BARCO 120
ADEUS 122
MUDO E QUEDO 124
NA FONTE 126
NOS CAMPOS 129
NO MONTE 131
SANGUE DE AFRICANO 132
AMANTE 133
ANJO 134
DESESPERO 135
HISTÓRIA DE UM CRIME 138
ÚLTIMO ABRAÇO 140
MÃE PENITENTE 142
O SEGREDO 143
CREPÚSCULO SERTANEJO 146
O BANDOLIM DA DESGRAÇA 147
A CANOA FANTÁSTICA 149
O SÃO FRANCISCO 150
A CACHOEIRA 152
UM RAIOS DE LUAR 154
DESPERTAR PARA MORRER 156
LOUCURA DIVINA 157
À BEIRA DO ABISMO E DO INFINITO 159

DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO 161
CONTEXUALIZAÇÃO HISTÓRICA 181
ENTREVISTA IMAGINÁRIA 192

*Des fleurs, des fleurs! Je veux en couronner ma tête
pour le combat. La lyre aussi, donnez-moi la lyre, pour
que j'entonne un chant de guerre...*

*Des paroles comme des étoiles flamboyantes, qui en
tombant incendient les palais et éclairent les cabanes...*

*Des paroles comme des dards brillants qui penetrent
jusqu'au septième ciel, et frappent l'imosture qui s'est
glissée dans le sanctuaire des sanctuaires...*

*Je suis tout joie, tout enthousiasme, je suis l'épée,
je suis la flamme!*

H. HEINE¹

¹ Tradução do texto de Henri Heine: "Flores, flores! Quero coroar minha cabeça para o combate. A lira também, deem-me a lira para que eu entoe um canto de guerra... Palavras como estrelas reluzentes que ao caírem incendeiam os palácios e clareiam as cabanas... Palavras como se fossem dardos brilhantes que penetram até o sétimo céu e atingem a religiosidade do santuário dos santuários... Sou só alegria, só entusiasmo; sou a espada, sou a chama!"

O NAVIO NEGREIRO

TRAGÉDIA NO MAR

I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar – dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias
– Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?...

10

'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? Onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!...
Embaixo – o mar... em cima – o firmamento...
E no mar e no céu – a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! Como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! Ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai!... Esperai!... deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia...
Orquestra – é o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...



Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar – doido cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tú, que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviatã do espaço,
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

II

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a noite é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz.
Preso ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
Às vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente
– Terra de amor e traição –
Ou do golfo no regaço

Relembra os versos de Tasso
Junto às lavas do vulcão!

O Inglês – marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando, orgulhoso, histórias
De Nelson e de Aboukir...
O Francês – predestinado –
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros Helenos,
Que a vaga iônia criou,
Belos piratas morenos
Do mar que Ulisses cortou,
Homens que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu...
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu...

12

III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais... inda mais... não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
É canto funerall... Que tétricas figuras!...
Que cena infame e vil... Meu Deus! meu Deus! Que horror!

IV

Era um sonho dantesco... O tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
 Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
 Faz doidas espirais...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
 E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
 E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
 Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após, fitando o céu que se desdobra,
 Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
“Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
 Fazei-os mais dançar!...”

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
 Faz doidas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
 E ri-se Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas

Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados,
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos
Sem luz, sem ar, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com túbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma – lágrimas e fel...
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,

Nasceram – crianças lindas,
Viveram – moças gentis...
Passa um dia a *caravana*,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus...
... Adeus, ó choça do monte,
... Adeus, palmeiras da fonte!...
... Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó.
Depois no horizonte imenso
Desertos... desertos só...
E a fome, o cansaço, a sede...
Ai! quanto infeliz que cede,
E cai p'ra não mais s'erguer!...
Vaga um lugar na *cadeia*,
Mas o chacal sobre a areia
Acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o *porão* negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer...
Prende-os a mesma corrente
– Férrea, lúgubre serpente –
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoite... Irrisão!...

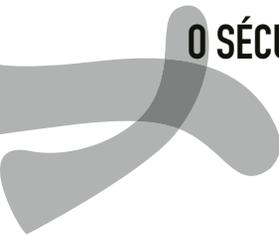
Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

VI

16 Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio, Musa... Chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto!...
Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélago profundo!
Mas é infâmia de mais!... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

S. Paulo, 18 de abril de 1868.



O SÉCULO

*Soldados, do alto daquelas pirâmides
quarenta séculos vos contemplam!*

NAPOLÉÃO

O século é grande e forte.

V. HUGO

*Da mortalha de seus bravos
Fez bandeira a tirania.
Oh! Armas talvez o povo
De seus ossos faça um dia.*

J. BONIFÁCIO

O século é grande... No espaço
Há um drama de treva e luz.
Como Cristo – a liberdade
Sangra no poste da cruz.
Um corvo escuro, anegrado,
Obumbra o manto azulado,
Das asas d'águia dos céus...
Arquejam peitos e frentes...
Nos lábios dos horizontes
Há um riso de luz... É Deus.

Às vezes quebra o silêncio
Ronco estrídulo, feroz.
Será o rugir das matas,
Ou da plebe a imensa voz?...
Treme a terra hirta e sombria...
São as vascas da agonia
Da liberdade no chão?...
Ou do povo o braço ousado
Que, sob montes calcado,
Abala-os como um Tritão?!...

Ante esse escuro problema
Há muito irônico rir.

P'ra nós o vento da esp'rança
Traz o pólen do porvir.
E enquanto o ceticismo
Mergulha os olhos no abismo,
Que a seus pés raivando tem,
Rasga o moço os neveiros,
P'ra dos morros altaneiros
Ver o sol que irrompe além.

Toda noite – tem auroras,
Raios – toda a escuridão.
Moços, creiamos, não tarda
A aurora da redenção.
Gemer – é esperar um canto...
Chorar – aguardar que o pranto
Faça-se estrela nos céus.
O mundo é o nauta nas vagas...
Terá do oceano as plagas
Se existem justiça e Deus.

18 No entanto ainda há muita noite
No mapa da criação.
Sangra o abutre – tirano
Muito cadáver – nação.
Desce a Polônia esvaída,
Cataléptica, adormida,
À tumba do Sobieski;
Inda em sonhos busca a espada...
Os reis passam sem ver nada...
E o Czar olha e sorri...

Roma ainda tem sobre o peito
O pesadelo dos reis;
A Grécia espera chorando
Canaris, Byron talvez!
Napoleão amordaça
A boca da populaça
E olha Jersey com terror,
Como o filho de Sorrento,
Treme ao fitar um momento
O Vesúvio aterrador.

A Hungria é como um cadáver
Ao relento exposto nu;
Nem sequer a abrigo a sombra
Do foragido Kossuth.
Aqui – o México ardente,
– Vasto filho independente
Da liberdade e do sol –
Jaz por terra... e lá soluça
Juarez, que se debruça
E diz-lhe: “Espera o arrebol!”

O quadro é negro. Que os fracos
Recuem cheios de horror.
A nós, herdeiros dos Gracos,
Traz a desgraça – valor!
Lutai... Há uma lei sublime
Que diz: “À sombra do crime
Há de a vingança marchar”.
Não ouvis do Norte um grito,
Que bate aos pés do infinito,
Que vai Franklin despertar?

É o grito dos Cruzados
Que brada aos moços – De pé!
É o sol das liberdades
Que espera por Josué!...
São bocas de mil escravos
Que transformaram-se em bravos
Ao cinzel da abolição.
É a voz dos libertadores –
Reptis, que saltam condores
A topetar n’ampidão!...

E vós, arcas do futuro,
Crisálidas do porvir,
Quando vosso braço ousado
Legislações construir,
Levantai um templo novo,
Porém não que esmague o povo,
Mas lhe seja o pedestal.
Que ao menino dê-se a escola,

Ao veterano – uma esmola...
A todos – luz e fanal.

Luz!... sim; que a criança é uma ave,
Cujo porvir tendes vós;
No sol – é uma águia arrojada,
Na sombra – um mocho feroz.
Libertai tribunas, prelos...
São fracos, mesquinhos elos...
Não calqueis o povo-rei!
Que este mar d'almas e peitos,
Com as vagas de seus direitos,
Virá partir-vos a lei.

Quebre-se o cetro do Papa,
Faça-se dele – uma cruz!
A púrpura sirva ao povo
P'ra cobrir os ombros nus.
Que aos gritos do Niágara
– Sem escravos – Guanabara
Se eleve ao fulgor dos sóis!
Banhem-se em luz os prostíbulos,
E das lascas dos patíbulos
Erga-se a estátua aos heróis!

Basta!... Eu sei que a mocidade
É o Moisés do Sinai;
Das mãos do Eterno recebe
As tábuas da lei! – Marchai!
Quem cai na luta com glória,
Tomba nos braços da história,
No coração do Brasil!
Moços, do topo dos Andes,
Pirâmides vastas, grandes,
Vos contemplam séculos mil!

Pernambuco, agosto de 1865.

AO ROMPER D'ALVA

*Página feia, que ao futuro narra
Dos homens de hoje a lassidão, a história
Com pranto escrita, com suor selada
Dos párias misérrimos do mundo!...
Página feia, que eu não posso altivo
Romper, pisar-te, recalcar, punir-te...*

PEDRO CALASANS

Sigo só caminhando serra acima,
E meu cavalo a galopar se anima
 Aos bafos da manhã.
A alvorada se eleva do levante,
E, ao mirar na lagoa seu semblante,
 Julga ver sua irmã.

As estrelas fugindo – aos nenúfares
Mandam rútilas pérolas dos ares
 De um desfeito colar.
No horizonte desvendam-se as colinas,
Sacode o véu de sonhos de neblinas
 A terra ao despertar.

Tudo é luz, tudo aroma e murmúrio,
A barba branca da cascata o rio
 Faz orando tremer.
No descampado o cedro curva a frente,
Folhas e prece aos pés do Onipotente
 Manda a lufada erguer.

Terra de Santa Cruz, sublime verso
Da epopeia gigante do universo,
 Da imensa criação,
Com tuas matas, ciclopes de verdura,
Onde o jaguar, que passa na espessura,
 Roja as folhas no chão.

Com és bela, soberba, livre, ousada!
Em tuas cordilheiras assentada
 A liberdade está.
A púrpura da bruma, a ventania
Rasga, espedaça o cetro que s'erguia
 Do rijo piquiá.

Livre o tropeiro toca o lote e canta
A lânguida cantiga com que espanta
 A saudade, a aflição.
Solto o ponche, o cigarro fumegando,
Lembra a serrana bela, que chorando
 Deixou lá no sertão.

Livre como o tufão corre o vaqueiro
Pelos morros e várzea e tabuleiro
 Do intrincado cipó.
Que importa'os dedos da jurema aduncos?
A anta, ao vê-los, oculta-se nos juncos,
 Voa a nuvem de pó.

22

Dentre a flor amarela das encostas
Mostra a testa luzida, as largas costas
 No rio o jacaré.
Catadupas sem freios, vastas, grandes,
Sois a palavra livre desses Andes
 Que além surgem de pé.

Mas o que vejo? É um sonho!... A barbaria
Erguer-se neste século, à luz do dia.
 Sem pejo se ostentar.
E a escravidão – nojento crocodilo
Da onda turva expulso lá do Nilo –
 Vir aqui se abrigar!...

Oh! Deus! não ouves dentre a imensa orquestra
Que a natureza virgem manda em festa
 Soberba, senhoril,
Um grito que soluça aflito, vivo,
O retinir dos ferros do cativo,
 Um sonho discorde e vil?